

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JESSICA FERREIRA DE LIMA

**A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS:
Indicativos para a docência a partir da produção do GT 7 da ANPED
entre 2003 e 2013**

CURITIBA

2013

JESSICA FERREIRA DE LIMA

**A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS:
Indicativos para a docência a partir da produção do GT 7 da ANPED
entre 2003 e 2013**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Pedagogia,
Setor de Educação, Universidade Federal
do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dra Angela Maria
Scalabrin Coutinho

CURITIBA

2013

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, mas principalmente a uma pessoa que sempre me aconselhou a seguir em frente meu padrinho José Valentin Skroch, que hoje me faz muita falta.

RESUMO

O presente trabalho trata da produção sobre a Educação de Crianças de 0 a 3 anos, a partir das temáticas presentes nos trabalhos no GT 7 Educação da Criança de 0 a 6 aos nas reuniões da ANPED entre os anos de 2004 e 2013. De cada ano foi selecionado um texto, de forma aleatória, os quais foram analisados com o intuito de identificar os indicativos que apresentam para a docência com as crianças de 0 a 3 anos. Destaca-se que as temáticas identificadas foram: espaço, políticas, relação adulto-bebê, relação instituição família e linguagem. Dentre os indicativos todos mostram como é e como pode ser a aprendizagem dos bebês e como os docentes podem melhorar a educação dos pequenos.

ABSTRACT

This paper deals with the production on the Education of Children 0-3 years from the themes present in the work on the GT 7 Education of Children 0-6 to meetings of ANPED between the years 2004 and 2013. Each of the selected text, randomly, which were analyzed in order to identify indications that feature for teaching with children 0-3 years. It is noteworthy that the identified themes were: space, policies, adult-infant relationship, family relationship and language institution. Among all indications show how you can be and how the learning of babies and how teachers can improve the education of the young.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- ESPAÇO.....	10
TABELA2- POLÍTICAS.....	10
TABELA 3- RELAÇÃO ADULTO-BEBÊ.....	11
TABELA 4- RELAÇÃO INSTITUIÇÃO-FAMÍLIA.....	12
TABELA 5- LINGUAGEM.....	12

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 PRINCIPAIS TEMÁTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NOS TRABALHOS DO GT7 DA ANPED ENTRE 2004 A 2013.....	09
2.1 ESPAÇO.....	12
2.2 POLÍTICAS.....	15
2.3 RELAÇÃO ADULTO-BEBÊ.....	16
2.4 RELAÇÃO INSTITUIÇÃO- FAMÍLIA.....	18
2.5 LINGUAGEM.....	20
3 INDICATIVOS PARA A DOCÊNCIA: o que apontam os trabalhos apresentados no GT 7 da ANPED.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
5 REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso apresentarei algumas dimensões da Educação de Crianças de 0 a 3 anos, trata-se de um estudo de análise da produção a partir dos trabalhos da Associação Nacional de Pós Graduação em Educação – ANPED, as produções se encontram no site da ANPED (<http://www.anped.org.br/internas/ver/reunioes-anuais>), no GT 07- Educação de crianças de 0 a 6 anos, os estudos serão realizados a partir da 27º Reunião Anual de 2004 até a 36º Reunião Anual de 2013, abrangendo assim 10 anos de publicação.

O que me levou a escolher este tema, primeiramente foi por constatar durante os 5 anos de graduação, que não há muitos trabalhos com relação a Educação das Crianças de 0 a 3 anos, na minha análise isso ocorria por se ter uma visão mais focada no cuidado do que na educação, o que acaba promovendo uma visão de não valorização para essa faixa etária, ainda mais que a alguns anos atrás a educação de crianças de 0 a 6 anos era responsabilidade apenas da família, porém agora a educação é direito da criança, garantida na Constituição de 1988.

Na década de 80 é que se começa a discutir a importância das creches no Brasil. As creches se tornaram uma necessidade tanto das famílias, quanto das crianças, acabou se tornar um lugar onde as crianças passam a maior parte do tempo e ali se desenvolvem se conhecem, se descobrindo através de brincadeiras e das relações constituídas tantos com adultos, quanto com outras crianças. Diante da importância das creches na sociedade contemporânea justifica-se um estudo sobre a educação de 0 a 3 anos.

O objetivo deste estudo é mapear e sistematizar a produção teórica no que tange a educação das crianças de 0 a 3 anos, identificar as principais temáticas e dimensões que constituem a educação das crianças de 0 a 3 anos

presentes na produção teórica, identificar na produção científica o que constitui a prática pedagógica com os bebês e dimensão da docência.

A metodologia utilizada será Análise documental da produção teórica, que tem como objetivo, localizar, identificar, organizar e avaliar trabalhos da ANPED, trazendo também novas perspectivas sobre a Educação das crianças de 0 a 3 anos.

Ao acessar o site da ANPED, decidi analisar os últimos 10 anos de publicações no GT07 e conforme ia lendo os resumos ou o texto para verificar se o trabalho tratava da educação de crianças de 0 a 3 anos. Já destacava qual era a temática que o texto abordava, para depois poder organizar o trabalho.

Após selecionar todos os trabalhos que tratavam de crianças de 0 a 3 anos, os organizei por temáticas como: 1. Espaço, 2. Política, 3. Relação adulto-bebê, 4. Relação instituição-família, 5. Linguagem / Choro. De cada tópico escolhi de forma aleatória um trabalho para ser analisado e descrito com mais ênfase.

2. PRINCIPAIS TEMÁTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NOS TRABALHOS DO GT7 DA ANPED ENTRE 2004 A 2013

1. ESPAÇO

Autor	Título	Instituição / Ano / Reunião
ROCHA LIMA, Ana Beatriz	Creche como contexto de desenvolvimento: um estudo sobre o ambiente de creches em um município de SC	UNIVALI; UFRJ; 2006;
BHERING, Eliana		29º Reunião Anual
SIMIANO, Luciane Pandini	Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês	UFRGS; 2011;
VASQUES, Carla Karnoppi		34º Reunião anual
RAMOS, Tacyana Karla Gomes	Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?	UFS; 2011; 34º Reunião Anual
SCRAMINGNON, Gabriela Barreto da Silva	O lugar da creche na Educação Infantil.	UNIRIO; 2011; 34º Reunião Anual

2. POLÍTICAS

Autor	Título	Instituição / Ano / Reunião
FEITOSA, Débora Alves	A efetividade das políticas de atendimento à Educação Infantil no sudoeste baiano	UNEB; 2009;

FERNANDES, Joseane Barbosa		32º Anual	Reunião
DUQUES, Maria Luiza SOUZA, Gizele	História da Educação Infantil no Paraná: os jardins-de-infância públicos em cena no limiar das primeiras décadas no século XX	UFPR; 2009;	32º Anual Reunião
RICHTER, Sandra Regina Simonis	Direitos das crianças como estratégia para pensar a educação das crianças pequenas	UNISC; UFRGS; 2011;	
BARBOSA, Maria Carmen Silveira		34º anual	Reunião

3. RELAÇÃO ADULTO-BEBÊ

Autor	Título	Instituição / Ano / Reunião
DEMATHE, Tércia Millnitz	Representação social de professoras de Educação Infantil sobre infância: Algumas considerações	UNIVALI; 2007;
CORDEIRO, Maria Helena		30º Anual Reunião
ARAÚJO, Denise Silva	Infância: sentidos e significados atribuídos por familiares e educadoras de creche	UCG; 2009;
		32º anual Reunião
DAGNONI, Ana Paula Rudolf	Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?	UNIVALI; 2012;
		35º Reunião

4. RELAÇÃO INSTITUIÇÃO-FAMÍLIA

Autor	Título	Instituição / Ano / Reunião
Moro, Catarina de Souza	As concepções sobre o sistema público de Educação Infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches	UFPR; 2004; 27º Reunião Anual
CASANOVA, Letícia Veiga	O que as crianças pequenas fazem na creche? As famílias respondem	UNIVALI; 2011; 34º Reunião Anual
JOÃO, Janaína da Silva	Crianças, professores e famílias: (Co)Protagonistas da Educação Infantil	UFSC; 2009; 32º Reunião Anual

5. LINGUAGEM

Autor	Título	Instituição / Ano/ Reunião
CASTRO, Joselma Salazar de	A constituição da linguagem e as estratégias comunicativas entre e dos bebês no contexto coletivo da Educação Infantil	UFSC; 2011; 34º Reunião Anual
SANTOS, Núbia Aparecida Schaper	Você não tem motivo pra chorar- conversar sobre o choro das crianças nas creches	UERJ; 2012; 35º Reunião Anual

Este capítulo encontra-se organizado em 9 temáticas, todas tratando da Educação de crianças de 0 a 3 anos de idade. A primeira é sobre Espaço que

levanta a questão da sala em que a criança passa a maior parte do tempo. A segunda temática é Políticas trazendo de modo geral os direitos das crianças e das famílias. A terceira é a Relação adulto-bebê, como o adulto se relaciona com o bebê e vice versa. A quarta é a Relação instituição-família, que levanta a questão de como as famílias vem a creche e como os docentes se relacionam com a família. A quinta temática é a Linguagem /Choro é a maneira como os pequenos se comunicam e expressar suas vontades.

Por conta do grande número de trabalhos que apareceram no levantamento, optei por escolher um trabalho por temática para ser analisado e descrito com maior destaque, assim podendo levantar aspectos mais importantes do texto. Essa escolha ocorreu de forma aleatória por meio de sorteio.

2.1 ESPAÇO

O espaço da instituição de educação infantil, sobretudo, a sala é o lugar onde a criança vai passar a maior parte do seu tempo e da sua infância. O local precisa ser preparado e adaptado para os bebês, este é o lugar aonde os diretos, sentimentos, desejos das crianças devem ser levados em consideração na hora de se construir este ambiente. Como afirma Barbosa (2009), é fundamental criar novas visibilidades e perspectivas para o estar e o ser na creche. Olhares atentos para os silêncios, os tempos, os movimentos constituídos e constituintes [...].

O texto escolhido para analisar foi “Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês” (2011), das autoras Luciane Pandini Simiano e Carla Karnopp Vasques.

Primeiramente as autoras trazem um pouco do histórico da Educação Infantil e dizem o quanto os estudos que investigam a questão do espaço são recentes no Brasil, porém posso perceber através do levantamento dos

trabalhos da ANPED, que vem crescendo o número de profissionais e estudiosos da área de educação que tem levantado esta questão, mas que principalmente tem levantado a bandeira para se estudar a educação de crianças de 0 a 3 anos.

As autoras falam da importância do espaço na educação dos bebês e na diferença de uma sala para bebês e uma para as crianças maiores.

O trabalho se deu a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em 2009 na região sul de Santa Catarina, em uma creche pública, que atende crianças de zero a cinco anos. A análise foi realizada em uma sala de berçário I, com 10 bebês (5 meninas e 5 meninos) com idade entre 4 a 18 meses, com duas professoras e duas auxiliares. Foram realizados diários de campo, fotos e filmagens, com duração de 4 meses de observação.

O que se observou primeiro foram os espaços físicos, depois as formas de ocupação destes espaços. Os critérios de observação foram os lugares que os bebês mais procuravam, a relação entre bebês e adultos e como o espaço se torna um lugar de encontros e narrativas.

As autoras trazem que o espaço não pode ser naturalizado, pois se constitui com as relações do homem com a natureza, com o meio em que está inserido, ele dá sentido ao espaço, e também pode mudar o espaço conforme suas necessidades, ao longo do tempo. O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem vida própria, podendo assim, explicarem por si mesmos. “[...] Só por sua presença, os objetos técnicos não têm outro significado senão o paisagístico. Mas eles aí estão em disponibilidade, à espera de um conteúdo social” (SANTOS, 2002, p. 105 apud SIMIANO; VASQUES, 2011,).

O texto traz também o documento do MEC-COEDI (1997), Critérios para um Atendimento em Creches e Pré-Escolas que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças, das autoras Maria Malta Campos e Fulvia Rosemberg, este documento contém indicativos que devem ser seguidos, pela sua coerência com os direitos das crianças, na hora de se construir as

instituições, dimensões físicas e culturais que devem ser levadas em considerações.

Ao observar as paredes as pesquisadoras encontram decorações e painéis que seriam para as crianças, porém os bebês não tem contato com eles, pois estão fora do seu alcance e as paredes estão brancas, sem marcas dos bebês. Para Lima (1989, p. 62) “se persiste na ideia de que a escola para ser considerada limpa tem de ostentar paredes, janelas e portas sem marcas das crianças”.

Outro ponto importante foi o mobiliário, que não estava disponível para as crianças, dentro das instituições parece se ter a concepção de que os bebês precisam apenas de espaços amplos para desenvolver. Os brinquedos também são poucos, sempre os mesmos.

Não se pode deixar de lado o sentimento que os bebês projetam em cima do espaço, a relação afetiva que eles desenvolvem. Tuan (1983, p. 151) diz, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

As autoras trazem a questão do tempo e do espaço, que devem ser companheiros, pois mesmo sem muitos recursos os bebês conseguem se descobrir, observar e viverem experiências.

Assim posso entender o quanto é fundamental o professor organizar o lugar conforme as necessidades dos bebês e seus interesses. “[...] buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas” (CRUZ, 2008, p.13). Pois quanto mais espaço, tempo e possibilidades elas tiverem para criar e explorar, mas elas serão capazes de nos surpreender e mostrar novos caminhos, nos ajudando assim há criar um ambiente agradável e descobrir meios para melhorar a cada dia a Educação de Crianças de 0 a 3 anos. Como afirma Agostinho (2007) o espaço se projeta ou se imagina e o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, tendo o espaço como suporte.

Cada pequena experiência que pudermos proporcionar para os bebês fará uma grande diferença, cada espaço que dermos para que eles expressem o que querem fará com que tenham mais autonomia.

2.2 POLÍTICA

A partir da década de 80 começa a se discutir a educação de crianças de 0 a 3 anos e na Constituição de 1988 passa a ser direito da criança frequentar alguma instituição, o que apaga um pouco a ideia de que só vão para as creches crianças que a mãe trabalha.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (Lei nº.9.324 de dezembro de 1996), também garante muitos direitos para a educação de crianças de 0 a 3 anos, tornando a Educação Infantil a primeira etapa da educação básica e cobrando que os profissionais tenham formação específica, em nível médio ou superior. Estas leis tentam garantir uma educação de qualidade e que respeite os pequenos.

O número de trabalhos tem crescido com relação aos estudos sobre as políticas da Educação Infantil, pois pelas mudanças que ocorreram, os interesses surgiram para melhor entender as políticas públicas, para Machado, Maria e Labegalini (2007, p. 28:) “[...] a política pública não pede licença para influenciar e impregnar o dia-a-dia de todas as pessoas, mas, ao contrário, influencia e impregna a vida de todos com ou sem consentimento do cidadão”

O texto escolhido nesta temática foi “A efetivação das políticas de atendimento à Educação Infantil no Sudoeste baiano” (2009), das autoras Débora Alves Feitosa, Joseane Barbosa Fernandes e Maria Luiza Duques apresentadas em 2009.

Este trabalho tem por objetivo descrever o funcionamento da Educação Infantil nos municípios investigados, relacionar a política local e as diretrizes nacionais e quais aspectos não cumpridos e as motivações do não cumprimento. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que utiliza à

análise documental para buscar documentos produzidos pelas secretarias municipais de educação. Foram também realizadas entrevistas com gestores.

As autoras ao investigar alguns municípios, foram descrevendo que as leis não são cumpridas tanto por falta de conhecimento como também por ser mais fácil realizar tudo sem cumprir a lei.

Traz que se as leis fossem aplicadas com mais seriedade, seriam cumpridas com mais eficácia e que muitas vezes as instituições só tem conhecimento do básico e não da lei como um todo e com clareza. Nas entrevistas que foram realizadas, os gestores dizem que falta uma oferta Educação Infantil.

O que nos faz considerar como é importante conhecer com clareza as leis para poder garantir uma educação de qualidade para as crianças e assim garantir também melhores condições que trabalho para os professores.

2.3 RELAÇÃO ADULTO-BEBÊ

Na relação adulto- bebê, não só docentes, mas todos que estão em torno das crianças devem observá-las, prevendo assim um papel flexível e promovendo uma interação com outros adultos.

Porém, esta relação pode ser vista de vários ângulos, como a relação do bebê com os pais, com os irmãos, com a família, aqui especificamente vamos tratar da relação do bebê com a professora, que é quem passa a maior parte do tempo com ele nas instituições de educação infantil, que é quem o alimenta, o troca e cuida durante sua permanência na creche. A professora tem um papel muito importante no dia a dia do bebê e no seu desenvolvimento. É ela quem proporciona a ele as principais oportunidades para se descobrir e se desenvolver, pois ele é capaz de muitas coisas, contudo necessita de condições para tal.

O texto “Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?” (2012), escrito por Ana Paula Rudolf Dagnoni e publicado na 35ª Reunião Anual de 2012, busca saber quais os saberes que constituem os profissionais que trabalham com crianças de 0 a 3 anos. Levantando também a questão de que o docente tem que ficar atento a tudo que acontece, “observar e acompanhar a ação da criança é essencial para que o professor possa identificar e verificar cuidadosamente as aprendizagens em processo” (COELHO, 2009.p. 34).

A autora traz que a educação dos pequenos de 0 a 3 anos anda em passos lentos e que a formação dos professores também não esclarece tanto sobre a primeira infância, causando assim uma grande defasagem na formação dos docentes. Ressalta a importância de se cuidar do tempo, como se organizar de uma maneira que seja adequada para ambas as partes (professor-bebê). Na pesquisa as autoras optam por analisar a rotina, tudo o que os bebês fazem durante sua permanência na creche, como ela é organizada para contemplar todo o aprendizado e o cuidado com os bebês.

O estudo ocorreu em um CMI, aonde era comum nas salas de berçário ter uma professora e duas agentes de atividades. As professoras que participaram desta pesquisa são formadas em Pedagogia, Graduada ou Pós-graduada e com no mínimo dez anos de experiências com bebês, quinze professoras foram selecionadas.

Foram organizados dois dias de encontros entre as professoras, onde foram passados vídeos de motivação, com o dia a dia dos bebês no primeiro dia, já no segundo dia foi tratada a relação e exploração de matérias (brincadeiras). Os dois dias foram gravados com áudio e vídeo. Após as pesquisadoras sentirem necessidades de organizar entrevistas individuais.

As rotinas ajudam os bebês, mas “somente com rotinas e horários previsíveis e bem coordenados é que o bebê estabelece um sentido de continuidade nas ações educativas da creche facilitando assim sua socialização” (BARBOSA, 2010). É necessário que haja uma aproximação entre o professor e o bebê.

Para Tardif (2008) os docentes são frutos de um só saber, mas que com o decorrer da sua carreira constituem muitos saberes podemos classificá-los: Saberes da Formação Profissional, Saberes Disciplinares, Saberes Curriculares e Saberes Experiências.

Neste trabalho as autoras classificam os saberes: Saberes da Formação Profissional, que é adquirido nos cursos de formação de docentes; Saberes Disciplinares, saberes que corresponde vários campos do conhecimento; Saberes Curriculares, métodos que os professores devem aplicar em suas práticas; Saberes Experiências, saberes que são adquiridos no dia a dia do docente, na prática cotidiana, do saber-fazer. E com isto concluem sua pesquisa como saberes experiências, quando se traz a prática do cotidiano, do saber fazer. Concluem também que falta o embasamento teórico para as professoras, e este teórico que está faltando elas deveriam ter acesso nos seus cursos de formação de docentes.

Nesse sentido, cabe problematizar o quanto os cursos de formação de docentes estão deixando a desejar, e o quanto isto prejudica os profissionais em sua prática pedagógica. E com isto também há uma grande desvalorização dos profissionais, principalmente os que trabalham com crianças pequenas.

2.4 RELAÇÃO INSTITUIÇÃO-FAMÍLIA

A Relação instituição – família é bastante complexa, algumas famílias, por vezes, mal sabem o que acontece dentro das creches, o que nos leva a pensar nas seguintes perguntas: Como as famílias veem a creche? O que elas pensam? Muitas vezes não sabemos o que passa pela cabeça dos pais e isso ocorre pela falta de diálogo da instituição com a família.

De acordo com Catarina de Souza Moro, no trabalho chamado “As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches” (2004), trabalho selecionado nesse tema, é evidenciado que para as mães deixarem os pequenos nas creches, existem

vários motivos, como ter que trabalhar e não tem com quem deixar, ter outros filhos, dependendo das condições sociais da família a instituição é o local onde a criança faz sua única refeição, motivos que levam as mães a deixarem os pequenos nas creches. Este tempo que permanecem na creche é o tempo em que as mães não podem cuidar de seus filhos, e assim confiam a educação dos bebês aos docentes que ali estão. Levam em questão o cuidar, ensinar e a convivência com outras crianças.

Porém, o espaço creche não pode somente ser visto como o lugar em que as mães deixam seus filhos, este lugar precisa de toda uma organização, um direcionamento para receber estas crianças, precisa ser um lugar que respeite os bebês. Pois este local vai influenciar no dia a dia das crianças, ainda mais que os pequenos irão passar grande parte do seu dia e da sua infância ali, as crianças precisam de um lugar confortável, bonito, que se adapte conforme o contexto social da comunidade em que está inserido, um local aonde as crianças possam explorar, fazer descobertas, conhecer os objetos que ali estão, expressar-se, poder obter o convívio com outras crianças, criar sua própria identidade já que são seres sociais plenos, a rotina não pode apenas se organizar em horários de alimentação, brincadeiras, banhos, trocas, soninho e atividades. Se o professor deixar bebê pode transformar a sua sala, mas para isto precisa ter autonomia, porém ela não pode ser imposta pelos adultos.

Para que haja um maior contato com as famílias, o docente deve trazer para as conversas o desenvolvimento do bebê, o que ele tem aprendido e como tem aprendido, mostrar a construção progressiva do desenvolvimento, para que os pais passem a valorizar mais este ambiente e este profissional que ali está, envolver os pais na cotidiano da creche. Mostrar para eles que é muito importante a presença da família, pois assim ajuda no desenvolvimento do bebê.

Os pais precisam se sentir parte da instituição, a meu ver isto é papel principalmente do docente, pois é ele quem tem mais contato com os pais, é quem recebe e entrega a criança todos os dias. A instituição pode organizar

reuniões, projetos para que os pais possam participar, expressar suas opiniões e tirar suas dúvidas. E ouvindo ambas as partes com certeza teremos uma instituição mais adequada para nossos pequenos.

2.5 LINGUAGEM

Quando falamos de linguagem de bebês a primeira pergunta que aparece é como se dá a constituição da linguagem, assim como os docentes devem trabalhar com essa dimensão dentro das salas de aula e como desenvolver a cada dia mais a linguagem dos pequenos, pois faz parte do desenvolvimento do bebê, parte da sua vida.

No trabalho “A constituição da linguagem e as estratégias comunicativas entre e dos bebês no contexto coletivo da educação infantil” (2011), da autora Joselma Salazar de Castro, trazem que a linguagem oral não é o inicial da interação dos bebês, e que o objetivo do docente deve ser conhecer as relações sociais e a linguagem dos bebês.

Tal análise da expressão oral do outro/criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa – lembrando que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. Isso já indica alguns problemas metodológicos envolvidos na pesquisa com crianças: a atenção às diferentes linguagens e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar. (ROCHA, 2008, p.45)

A pesquisa se dá com treze bebês, com o intuito de conhecer o modo como os bebês manifestam seus jeitos e se relacionam com outras pessoas, como eles expressam e manifestam a linguagem e observar se existe linguagem entre os bebês, para registrar a pesquisa foram utilizados fotos,

diários, e filmagem. Para a pesquisa ser mais verdade a autora diz que é necessário entrar na vida dos pequenos, conhecê-los e conhecer seu contexto social, e respeitar suas diferenças.

A linguagem se dá como a maneira dos pequenos se comunicarem, por isso o docente deve observar para poder compreender o que o bebê esta querendo dizer.

3. INDICATIVOS PARA A DOCÊNCIA: o que apontam os trabalhos apresentados no GT 7 da ANPED

Ao analisar os trabalhos da ANPED foi possível identificar indicativos que remetem à atuação docente na educação das crianças de 0 a 3 anos e assim garantir uma educação de qualidade.

O primeiro indicativo refere-se à organização do espaço, a sala onde os bebês vão passar a maior parte do tempo, ela precisa antes de tudo ser preparada para recebê-los, mais para que isto ocorra o docente deve prestar atenção em pequenos detalhes que fazem toda a diferença. A sala deve respeitar o sentimento e desejos dos pequenos, levando sempre em consideração os indicativos que os próprios bebês dão para a organização desse lugar. No entanto, para que o docente conseguiria perceber estes indicativos ele precisa observar e acompanhar os movimentos, interesses e necessidades dos bebês.

O trabalho analisado indica que é interessante que a sala contenha painéis, mas que eles estejam a altura das crianças, para que elas possam ter contato, e assim irem descobrindo o espaço em que estão.

O mobiliário também faz toda a diferença, ele também pode estar a altura dos pequenos. O bebê precisa explorar o espaço, conhecer cada cantinho, e deve ter a possibilidade da descoberta, sem muita interferência do adulto, pois só assim ele irá se desenvolver com qualidade, mas é claro que o

docente não pode esquecer-se da segurança, por conta disto vale ressaltar que a segurança é importante, mas isto não significa tirar tudo de perto do bebê para ele não se machucar.

Os brinquedos também fazem parte deste contexto: porque dar somente brinquedos de plástico para os bebês? Porque não deixar que ele escolha o que quer brincar? Se faz necessário ter vários brinquedos na sala, de diferentes formas e tipos, utensílios de cozinha são bem agradáveis para os pequenos e muitos outros objetos que podem chamar a atenção dos bebês, lembrando que não precisa necessariamente ser colorido.

A criança desenvolve uma afetividade com o local, por isso a necessidade dela conhecer todos os cantos e tudo que o espaço possibilita.

Indicativos bem importantes também são provenientes do tema políticas, o docente deve prestar muita atenção e conhecer as orientações legais para poder garantir os seus direitos e os direitos das crianças, pois a política para a educação de 0 a 3 ainda não ganhou uma grande ênfase, mas todas as conquistas exigem uma postura atenta para garantir que estarão na agenda de discussões e que os municípios cumprirão as determinações legais, na busca pela melhoria da educação, não se pode deixar acomodar. Têm-se direitos e eles devem ser respeitados.

Conforme o docente vai passando os dias com os bebês, eles vão criando um laço que é muito importante para o desenvolvimento do bebê, pois assim ele se sente seguro. E nessa perspectiva deve ser pensada a relação adulto-bebê também, pois todos que passam uma parte do tempo com os pequenos fazem com que esses laços afetivos se fortalecem.

Para seu desenvolvimento o bebê precisa interagir com os adultos, e assim se desenvolver, o docente neste momento por passar a maior parte do tempo com o bebê deve proporcionar para ele essa interação intencional, buscando observar o pequeno em todos os momentos, para identificar a aprendizagem em processo.

Outro ponto importante é a relação que a instituição tem com as famílias, é necessário que o docente tome a primeira atitude, por exemplo, na hora de entregar o bebê para os pais, não conversar só o básico, comeu bem, teve quantas trocas de fralda, mas partilhar diversas situações do cotidiano, as conquistas do bebê e assim buscar fortalecer esta relação com as famílias, mostrando que eles podem participar mais da construção da instituição.

Algumas vezes os pais até querem saber mais e tem receio de perguntar de esclarecer. O docente pode fazer esta ponte, porém todos os funcionários da instituição podem se envolver, criando encontros, reuniões, convidando trazem os pais para passarem um dia com seus filhos, com jogos, brincadeiras, é necessário que a instituição tenha iniciativa.

O docente deve também conhecer as relações sociais e a linguagem dos bebês. Para entender o que ele quer e saber lidar com a situação, já que eles ainda não têm a linguagem oral desenvolvida, mas se comunicam por múltiplas formas de comunicação.

Cabe reafirmar que o docente precisa conhecer sempre mais o seu bebê e construir junto com ele uma educação de qualidade, garantido os seus direitos. Isso significa que essa docência, com as crianças de 0 a 3 aos, tem especificidades que se colocam, principalmente, na relação estabelecida entre adultos e crianças, na observação atenta e sistemática, na ampliação da relação para com as famílias, bem com no reconhecimento que mesmo sendo um sujeito de pouca idade, as crianças com menos de 3 aos têm repertórios e vida, necessidades e direitos.

E é claro o docente deve estar sempre se atualizando, pois o número de pesquisas vêm crescendo e essa produção ajuda muito na hora de se tornar um profissional responsável e comprometido com a sua profissão, preocupado com o que as crianças realmente precisam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho pude perceber o quanto vem sendo pesquisado sobre a Educação das Crianças de 0 a 3 anos e o quanto os pesquisadores tem dado ênfase a certas concepções. Porém ainda é pouco, pois há muitos outros aspectos importantíssimos que não são estudados com ênfase. Dentre os tema ausentes ou pouco abordados, estão a relação bebê com outros bebês, o brincar, a afetividade, concepções que são importantes de serem discutidas no sentido de pensar a docência com as crianças bem pequenas.

Porém, o que me levou a pesquisar sobre a Educação de Crianças de 0 a 3 anos, foi o fato de sentir uma grande defasagem nos cursos de formação de docentes tanto no que tange o conteúdo teórico, quanto o prático. Como podemos trabalhar com bebês se não obtemos nenhum contato ou conhecimento sobre/com os pequenos? Chegaremos às salas como a maioria das professoras, que ficam perdidas e acabam por si só indo atrás do conteúdo teórico para poder proporcionar aos bebês uma educação de qualidade.

Os trabalhos analisados trazem concepções que aparecem todos os dias dentro das instituições, concepções que ajudam os docentes a analisar suas práticas educativas. Cada trabalho analisado traz um pouco do que o professor deve realizar dentro das salas de aula e assim proporcionar uma educação que englobe todas as dimensões importantes para que o bebê se desenvolva de uma forma plena e confiante.

Os trabalhos, de modo geral, trazem indicativos bastante diretos para o docente, para que ele receba uma formação mais pautada no que realmente acontece dentro das instituições e para que ele esteja preparado para ser um bom professor, passar confiança para as famílias e principalmente para os bebês.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA LIMA, Ana Beatriz; BHERING, Eliana. Creche como contexto de desenvolvimento: um estudo sobre o ambiente de creches em um município de SC. In: **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu/MG, 2006. Disponível em: www.anped.org.br Acesso em: 01/12/2013.

SIMIANO, Luciane Pandini; VASQUES, Carla Karnoppi. Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês. 14 folhas. Mestrado. UFRGS. 2011.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?. 16 folhas. UFS. 2011.

SCRAMINGNON, Gabriela Barreto da Silva. O lugar da creche na Educação Infantil. 17 folhas. Mestrado. UNIRIO. 2011.

FEITOSA, Débora Alves; FERNANDES, Joseane; DUQUES, Maria Luiza. A efetividade das políticas de atendimento à Educação Infantil no sudeste baiano. 7 folhas. UNEB. 2009.

SOUZA, Gizele. História da Educação Infantil no Paraná: os jardins-de-infância públicos em cena no limiar das primeiras décadas no século xx. 16 folhas. UFPR. 2009.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Direitos das crianças como estratégia para pensar a educação das crianças pequenas. 14 folhas. Ensaio. UNISC. UFRGS. 2011.

DEMATHÉ, Tércia Millnitz; CORDEIRO, Maria Helena. Representação social de professoras de Educação Infantil sobre infância: Algumas considerações. 16 folhas. UNIVALI. 2007.

ARAÚJO, Denise Silva. Infância: sentidos e significados atribuídos por familiares e educadoras de creche. 16 folhas. UCG. 2009.

DAGNONI, Ana Paula Rudolf. Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?. 16 folhas. UNIVALI. 2012.

Moro, Catarina de Souza. As concepções sobre o sistema público de Educação Infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches. 19 folhas. UFPR. 2004.

CASANOVA, Leticia Veiga. O que as crianças pequenas fazem na creche? As famílias respondem. 18 folhas. UNIVALI. 2011.

JOÃO, Janaína da Silva. Crianças, professores e famílias: (Co)Protagonistas da Educação Infantil. 6 folhas. Artigo. UFSC. 2009.

CASTRO, Joselma Salazar de. A constituição da linguagem e as estratégias comunicativas entre e dos bebês no contexto coletivo da Educação Infantil. 6 folhas. Mestrado. UFSC. 2011.

SANTOS, Núbia Aparecida Schaper. Você não tem motivo pra chorar-conversar sobre o choro das crianças nas creches. 16 folhas. UERJ. 2012.

BARBOSA, M. C. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. Disponível em:< portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman.>. Acesso em: 20 de setembro de 2010

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

LIMA, M. S. A cidade e a criança. São Paulo: Nobel Livraria, 1981. 102 p.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

MACHADO, Lourdes Marcelino; MAIA, Graziela Zambão Abdian; LABEGALINI, A. C. F. Baraldi (orgs.). Pesquisa em Educação: passo a passo. Marília: Edições M3T Tecnologia e Educação, 2007.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. A criança fala: a escuta das crianças em pesquisa. CRUZ, S. H. V.. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

